

**LAZER E TRABALHO:
análise dos interesses de lazer dos servidores terceirizados do
IFCE – campus Juazeiro do Norte**

Caio Tavares Arraes¹

Amanda Raquel Rodrigues Pessoa²

Marla Maria Moraes Moura³

Crato, CE, Brasil

RESUMO: O presente artigo visa discutir a relação lazer e trabalho a partir das práticas de lazer do trabalhador terceirizado. Com base nos objetivos: analisar e classificar as práticas de lazer dos servidores terceirizados do IFCE – Juazeiro do norte a partir dos interesses do lazer de Dumazedier (1979), utilizou-se uma metodologia qualitativa de caráter exploratório, possibilitando a realização de entrevistas semiestruturadas com 16 servidores terceirizados do IFCE – Juazeiro do Norte, sendo oito participantes do sexo masculino e oito do sexo feminino. Os resultados evidenciaram a prevalência das práticas de lazer nos interesses sociais e físicos e uma baixa frequência de interesses manuais e intelectuais. Deste modo, percebe-se que o sistema produtivo, junto com outras condições, mascara as possibilidades de desenvolvimento do cidadão, potencializando sua precarização nas demais esferas sociais, tornando este tema alvo de constantes investigações, não se limitando aos resultados deste estudo.

Palavras-chave: Lazer. Trabalho. Terceirização.

**LEISURE AND WORK:
analysis of the leisure interests of outsourcing workers of the IFCE –
campus Juazeiro do Norte**

ABSTRACT: This article has as purpose to discuss the relationship between leisure and work based on the leisure practices of the outsourced worker. Based on the objectives: analyze and classify the leisure practices of the outsourced IFCE - Juazeiro do Norte servers from the leisure interests of Dumazedier (1979), was used a qualitative of character exploratory methodology, making possible the realization semi-structured interviews with 16 employees outsourceds IFCE - Juazeiro do Norte, being eight male and eight female. The results evidenced the prevalence of leisure practices in social and physical interests and a low frequency of manual and intellectual interests. In this way, it is perceived that the productive system, together with others conditions,

¹ Aluno de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Vale do São Francisco. Email: ctarraes@outlook.com

² Mestre em Educação, IFCE. Email: amandampb@hotmail.com

³ Mestre em Educação, IFCE. Email: marlamariam@hotmail.com

masks the possibilities of development of the citizen, enhancing their precariousness in the other social spheres, making this theme target of constants investigations, not limited to the results of this study.

Keywords: Leisure. Work. Outsourcing.

OCIO Y TRABAJO: análisis de los intereses de ocio de los trabajadores tercerizados del IFCE – campus Juazeiro do Norte

RESUMEN: El presente artículo trata de discutir la relación de ocio y trabajo a partir de las prácticas de ocio del trabajador tercerizado. Con base en los objetivos: analizar y clasificar las prácticas de ocio de los servidores tercerizados de IFCE - Juazeiro do Norte desde los intereses de ocio de Dumazedier (1979), se utilizó una metodología cualitativa de carácter exploratorio, permitiendo la realización de entrevistas semiestructuradas con 16 servidores tercerizados del IFCE - Juazeiro do Norte, siendo ocho participantes del sexo masculino y ocho del sexo femenino. Los resultados evidenciaron la prevalencia de las prácticas de ocio en los intereses sociales y físicos y una baja frecuencia de intereses manuales e intelectuales. De ese modo, se percibe que el sistema productivo, junto con otras condiciones, enmascara las posibilidades de desarrollo del ciudadano, potenciando su precarización en las demás esferas sociales, haciendo este tema foco de investigaciones constantes, no limitándose a los resultados de este estudio.

Palabras-clave: Ocio. Trabajo. Tercerización.

Introdução

A presente pesquisa tem como tema central o lazer e suas relações com o trabalho a partir das práticas e interesses de lazer do trabalhador terceirizado. A análise destas duas grandes categorias teóricas apoia-se nos sentidos e significados que ambas as esferas têm adotado na sociedade contemporânea.

No mundo em que vivemos, marcado pelo constante progresso tecnológico e por um grau de acessibilidade a informações extremamente elevado, o trabalho ganhou visibilidade produtiva ocupando um valor de destaque em relação às diversas áreas da atividade humana. Este fenômeno é estimulado a acontecer para suprir as necessidades básicas de manutenção do sistema político vigente, caracterizado pela relação entre a valorização exacerbada da produção e movimentação de capital e a marginalização com a formação social do indivíduo.

O forte vínculo estabelecido entre trabalho e capital é orientado por uma relação em que uma pequena parcela de trabalhadores é responsável pela criação intelectual da produção, enquanto a maioria encarrega-se pela execução do produto. Ou seja, o

trabalho adota um caráter limitado, no qual a sua realização tem como único objetivo a produção e movimentação de capital.

Outra esfera da atividade humana que tem o seu significado e a sua importância desfigurada na contemporaneidade é o lazer, que sofre com a instrumentalização e mercantilização em prol do lucro. Em termos gerais, o lazer é utilizado como ferramenta para obtenção de capital, seja por meio da venda de produtos e serviços, seja por meio da oferta do lazer utilitário, com vistas a recompor a força de trabalho.

Para Marcellino (2012) esta visão utilitarista do lazer imperante na sociedade é condicionada a partir das ações dos grandes empresários ao perceberem que, com um lazer supostamente de qualidade, os trabalhadores respondem melhor ao trabalho produtivo e, conseqüentemente, aumentam o retorno econômico para as empresas.

Em virtude disso, buscando compreender os reflexos da disseminação desses ideais, suscita-nos a seguinte questão: como se constituem as práticas de lazer do trabalhador terceirizado, sendo ele o sujeito mais atingido pelos processos de flexibilização do trabalho? Para tanto, estabelecemos como objetivos deste estudo: analisar e classificar as práticas de lazer dos servidores terceirizados do IFCE – Juazeiro do norte (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará) a partir dos interesses do lazer de Dumazedier (1979).

A crise do capitalismo e a flexibilização dos direitos trabalhistas

No início do período pós-segunda guerra mundial, as reivindicações por direitos sociais ganhavam seus primeiros ensaios. Já na década de 1970, deu-se início a crise no modelo organizacional do sistema capitalista em função do esgotamento do modelo de produção taylorista- fordista, deixando o sistema em um cenário caótico. Segundo Antunes (2009) os principais fatores que levaram a essa crise foram: a alta queda da taxa de lucro; o esgotamento do padrão de acumulação taylorista/fordista de produção; a hipertrofia da esfera financeira; a maior concentração de capitais devido à união entre empresas monopolistas e oligopolistas; a crise do “Estado de bem-estar social” ou *Welfare State*; e o incremento exagerado das privatizações.

Como forma de contornar a crise que se estabeleceu, deu-se início a um novo processo de sistematização do capital e de seus princípios políticos ideológicos de governo. As estratégias utilizadas foram o advento do neoliberalismo e a privatização do Estado, a desregulamentação dos direitos trabalhistas e a desmontagem do setor produtivo estatal, seguido pelo árduo processo de reestruturação da produção e do trabalho com o objetivo de recompor as taxas de lucro (ANTUNES, 2009).

O capital lançou mão de novas formas de uso do trabalho que envolvem mudanças tecnológicas, organizacionais e gerenciais. Esse processo foi marcado por alterações nas relações interempresariais (terceirização, formação de cadeias produtivas), na relação entre capital e trabalho (desregulação e informalização), na relação entre estado e sociedade (neoliberalismo exacerbado) e na organização do processo produtivo (CHAVES, 2007, p. 112).

Com o processo de globalização cada vez mais presente no mundo do mercado, o modelo de produção taylorista-fordista, já esgotado, ganha a concorrência de novos modelos de produção mais rígidos e complexos. A partir da década de 1980, em meio à reestruturação produtiva e um ambiente mercantil bastante competitivo, as grandes empresas passam a investir nos novos modelos organizacionais de gestão de trabalho e produção.

Esta medida tinha como objetivo a redução nos custos de produção, uma maior variedade de mercadorias e uma melhoria na qualidade dos seus produtos, serviços e de sua produtividade. Estudiosos dão como exemplos de estratégias utilizadas na época os modelos sueco, italiano e japonês, sendo este último o mais utilizado pelas grandes empresas para reestruturação do capital (ANTUNES, 2000; NAVARRO, PADILHA, 2007).

Segundo Antunes (2000), o modelo produtivo japonês ou toyotismo, cujo nascimento se deu a partir da fábrica Toyota, tem em suas principais características o princípio da fábrica mínima e a gestão pelos olhos. Isto implica a redução de custos e superfluidades, e o princípio do *just in time*, que é o melhor aproveitamento possível do tempo de produção.

Além disso, outro princípio adotado pelo toyotismo é a qualificação do trabalho e trabalhador, que diverge do modelo taylorista-fordista. Neste processo, o trabalho deixa de ser a ação mecanizada e repetitiva e passa a exigir um profissional politécnico, ou seja, uma atuação polivalente de qualidade. Porém, na prática, tais medidas acabaram por sobrecarregar ainda mais o trabalhador, causando uma nova forma de alienação (estranhamento) e fetichismo do trabalho (NAVARRO, PADILHA, 2007).

Antunes e Alves (2004) destacam a incapacidade de o toyotismo transcender os limites *intrafábrica*, limitando sua perspectiva política e ação racionalizada apenas ao trabalho e às relações interempresariais. Porém, ressaltam que é justamente com o advento do toyotismo que o processo de subsunção do trabalho ao capital atinge o seu pleno desenvolvimento, evidenciado pela captura da subjetividade operária, caracterizada por uma nova subsunção real do trabalho ao capital, diretamente ligada ao elemento subjetivo.

Por fim, o toyotismo promove a redução da fragmentação das etapas de trabalho (planejamento e execução) fazendo com que o operário tenha a impressão de ser mais livre ao ter voz “efetiva” dentro da empresa:

Apesar de o operário da fábrica toyotista contar com maior “participação” nos projetos que nascem das discussões dos círculos de controle de qualidade, com maior “envolvimento” dos trabalhadores, a subjetividade que então se manifesta encontra-se estranhada com relação ao que se produz e para quem se produz (ANTUNES; ALVES, 2004, p. 346).

Percebe-se então a existência de uma gestão manipulativa, o que nos remete a uma primeira fala de Antunes, fortalecendo este conceito:

O despotismo torna-se então mesclado com a manipulação do trabalho, com o “envolvimento” dos trabalhadores, através de um processo ainda mais profundo de interiorização do trabalho alienado (estranhado). O operário deve pensar e fazer pelo e para o capital, o que aprofunda (ao invés de abrandar) a subordinação do trabalho ao capital (ANTUNES, 2000, p. 42).

Por meio destes aspectos, observa-se que a suposta liberdade do trabalhador dentro da empresa é apenas uma estratégia de exercer controle e tirar proveito da sua capacidade cognitiva.

Outra estratégia adotada na reestruturação do sistema capitalista foi a utilização de um novo modelo de acumulação de capital. Compreendendo a anormalidade do período histórico pelo qual passava o sistema capitalista, vivenciando momentos de crise, desenvolve-se, sob a ótica de produção toyotista, um regime que propicia maior flexibilidade na acumulação do capital financeiro, chamado de *sistema de acumulação flexível* (ALVES, 2011).

Este modelo de acumulação flexível consiste em uma nova dinâmica de expansão da produção, agregando uma nova base tecnológica, organizacional e sociometabólica para um melhor aproveitamento da força do trabalho assalariado. Ele surgiu em contraposição ao estrito modelo de produção fordista e se embasava numa maior flexibilidade dos processos do mercado e do trabalho, dos produtos e dos padrões de consumo. Ainda tinha como características os novos setores de produção, as novas opções de mercado e, principalmente, a intensificação das taxas de inovação comercial, tecnológica e organizacional (ALVES, 2011).

Dentre as inovações no sistema de acumulação flexível, destaca-se o trabalho terceirizado, que surge em meio à “implantação do padrão flexível nas relações de trabalho, iniciada nos anos 1970 com o intenso processo de reestruturação produtiva nos países industrializados” (OLIVEIRA, 2015, p. 75). Desde então, a terceirização tem sido utilizada pelas grandes empresas em todo o mundo como uma das principais estratégias para acumulação de capital e ampliação de lucros produtivos (LIMA, 2010; FILGUEIRAS, CAVALCANTE, 2015; SILVESTRE, RIBEIRO, AMARAL, 2016).

Com base nos ideais de organização produtiva do toyotismo e apoiada no novo modelo de acumulação flexível, a terceirização desponta, de acordo com Lima (2010, p. 18), como um “processo de reorganização das formas de produção” que caracterizou um novo estágio evolutivo das forças de produção capitalistas.

O processo de terceirização se apresentou em uma esfera bastante ampla, englobando toda a estrutura do trabalho industrial. Lourenço Filho e Paixão (2014) ressaltam que a terceirização não envolveu apenas as alterações na relação entre patrão e trabalhador, visto que as mudanças também envolveram a construção e a gestão de novos modelos de produção.

O processo de terceirização do trabalho resulta na quebra da verticalização no interior das indústrias, reduzindo a quantidade de setores e de trabalhadores sob a responsabilidade da empresa (LIMA, 2010; LOURENÇO FILHO, PAIXÃO, 2014). Deste

modo, com o advento da terceirização, as empresas ganharam a possibilidade de concentrar seu contingente produtivo em uma ou mais atividades específicas do seu processo de produção, podendo focalizar seus investimentos apenas na área que lhe compete atuação.

Em virtude disso, Alves (2011, p. 410) afirma que “a terceirização visa racionalizar, sob as novas condições da concorrência e acumulação capitalista, a exploração da força de trabalho assalariado”. Esta racionalização acarreta tanto o aumento da quantidade de trabalhadores terceirizados, como a redução do número de empregados contratados diretamente pelas indústrias.

Tais características justificam o porquê de o modelo terceirizado se instaurar e perdurar até os dias de hoje no mercado de produção. Filgueiras e Cavalcante (2015, p. 16) também observam esses aspectos como primordiais na implantação da terceirização no sistema capitalista, ressaltando que ela tem sido a “forma de contratação laboral que melhor tem se ajustado ao formato neoliberal imposto aos mercados de trabalho, concedendo às empresas uma série de benefícios, como a flexibilidade de manejar força de trabalho a um custo econômico e político reduzido”.

Esta flexibilidade reflete nos procedimentos contratuais das grandes empresas para com os trabalhadores. Lima (2010, p. 19) ao tratar destes processos contratuais, evidencia a maneira incomum como eram impostos os contratos aos futuros trabalhadores. O autor destaca que os contratos eram tidos como “atípicos” e caracterizavam uma relação de trabalho diferente do padrão de assalariamento regulamentado, característico do período fordista que possuía uma série de direitos sociais a ele atribuídos.

A terceirização distancia, de maneira gradativa, a relação entre os próprios trabalhadores e, a já não muito próxima, relação entre trabalhadores e dirigentes. Deluiz (2016, p. 2) salienta que

[...] apesar de o discurso apontar a unitariedade como um dos objetivos das novas formas de organização e gestão do trabalho, as práticas correntes no regime de acumulação flexível têm acentuado cada vez mais a separação entre trabalhadores e dirigentes [...].

Percebe-se, então, que a terceirização possibilitou a geração de capital para as grandes empresas, ao reduzir drasticamente os gastos, principalmente, no que se refere aos custos com a força de trabalho. Em contrapartida, para o proletariado, tais medidas trouxeram a banalização das relações entre os patrões e os próprios trabalhadores e, conseqüentemente, da sua ocupação laboral.

Algumas considerações sobre Lazer

O lazer só passou a atrair o olhar dos estudiosos apenas nas primeiras décadas do século XX, como afirma o autor francês Joffre Dumazedier (1979), que se tornou um

dos principais teóricos da área. Com o forte progresso urbano-industrial do século passado, as principais correntes teóricas do lazer tinham como contraponto o trabalho, sendo por muitos, considerado o tempo do não trabalho. Nesta perspectiva, via-se no tempo de lazer uma maneira de repor as energias e descansar o corpo produtivo para retornar às atividades laborais.

Essas abordagens acabaram adotando um caráter funcionalista, entendido por Padilha (2006, p. 11) “como toda aquela compreensão organicista da sociedade como sendo um corpo ou uma máquina harmoniosa em que cada parte (ou órgão) contribui com suas devidas funções para seu equilíbrio”. Entretanto, é importante destacar que tiveram vasta contribuição para o desenvolvimento dos estudos contemporâneos do lazer.

O próprio Dumazedier organiza um conceito que, posteriormente, viria influenciar vários estudiosos, incluindo alguns brasileiros, como Requixa, Marcellino e Camargo. Dumazedier (1979) considera o lazer a partir do que ele denomina de *caracteres específicos do lazer*, sendo eles: uma atividade resultante de uma livre escolha, sem fins lucrativos ou utilitários, de natureza hedonista e expressa pelos próprios interesses e necessidades do indivíduo (DUMAZEDIER, 1979).

Com base nisso, em sua obra intitulada *Lazer e Cultura Popular*, Dumazedier (2004, p.34), conceitua o lazer como

[...] um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou, ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

Outra contribuição do autor francês foi a sua classificação das práticas de lazer por interesses. Camargo (2006) propõe-se a analisar e exemplificar os interesses do lazer estabelecidos pelo francês. O autor brasileiro julga a classificação de Dumazedier como a mais satisfatória, entretanto, compreende que nem ela ou qualquer outra pode ser considerada perfeita e, acrescenta, junto aos interesses físicos, manuais, artísticos, intelectuais e sociais, a categoria de interesses turísticos. Schwartz (2003), compreendendo o constante progresso e a modernização das relações sociais, adiciona a categoria dos interesses virtuais, englobando as conexões de rede, como a internet e os jogos eletrônicos.

Um olhar mais atento sobre as manifestações de lazer e as interações socioculturais a elas relacionadas condicionou uma nova perspectiva de análise. Esta possibilita uma compreensão que transcende a noção tradicional do lazer estritamente vinculado ao trabalho e busca valorizar as manifestações sociais e culturais específicas de cada contexto. Assim, dá-se lugar a uma perspectiva que parte da premissa do lazer como uma necessidade humana e dimensão cultural, estabelecendo um campo de

práticas sociais marcadas pela ludicidade, presentes nos mais variados contextos, épocas e lugares (GOMES, 2014).

A crítica que norteia o desenvolvimento desta perspectiva é a de que, compreendendo o lazer como resultado dos processos de urbanização e industrialização, desconsideramos as manifestações culturais de grupos que não foram contemplados por este fenômeno, como é o caso dos indígenas, quilombolas, ribeirinhos, ciganos entre outros. (GOMES, 2014). É ainda nesta perspectiva que se questiona as formas que o lazer adquire em uma sociedade educada para o trabalho, que deveria ser compreendido como um direito social e uma questão de cidadania e não como algo do qual se pode abrir mão (WERNECK, 2000).

Metodologia

Este estudo se caracteriza como uma pesquisa qualitativa configurando a intermediação da pesquisa com a realidade social investigada, tendo como abordagem teórico-metodológica o materialismo histórico-dialético de Marx. De acordo com Paulo Netto (2011), esse é um método de estudo das transformações nas estruturas sociais, econômicas, culturais e simbólicas ocasionadas em contraste à evolução dos meios de produção concomitantemente à evolução do pensamento humano.

Participou deste estudo um grupo de servidores terceirizados do IFCE – Juazeiro do Norte, representando 09⁴ das 10 categorias profissionais existentes na instituição. Sendo assim, a amostra da pesquisa foi composta por 16 dos 43 terceirizados atuantes no período de realização da coleta, sendo 08 participantes do sexo masculino e 08 do sexo feminino, com um tempo de serviço variando entre 03 e 23 anos. Para efeito de identificação os participantes obtiveram um codinome em que se utilizou o “T” para identificar categoria de terceirizado e o número da ordem das entrevistas.

O instrumento utilizado para coleta de informações foi uma entrevista semiestruturada, na qual o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema abordado (BONI; QUARESMA, 2005). A pesquisa seguiu os princípios éticos estabelecidos na resolução nº 510/2016, preservando a dignidade e protegendo o entrevistado por meio de ações éticas do pesquisador demandadas pela ação livre e consciente do participante, que autorizou o seu envolvimento com a pesquisa bem como a utilização das informações concebidas assinando um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em duas vias, ficando uma de posse do próprio e outra em posse do pesquisador.

As práticas e interesses de lazer do trabalhador terceirizado

⁴ A exceção se deu por conta da ausência do profissional devido à licença laboral.

Faz-se uso, aqui, da categoria teórica dos interesses do lazer propostos por Dumazedier (1979) e ampliados por Schwartz (2003) e Camargo (2006). Porém, mesmo considerando a grande abrangência desta classificação, compreende-se que, com a variação dos contextos socioculturais, tem-se a emergência de novas práticas e experiências não contempladas por suas subcategorias.

Foram identificadas, nas respostas, as atividades de lazer dos servidores terceirizados e a sua classificação de acordo com a natureza da prática e a relação com o interesse. A partir do questionamento “quais as atividades de lazer que você gosta de realizar?”, o Quadro 1 foi organizado conforme as atividades de lazer citadas, a relação com os interesses, o número de respostas e os sujeitos respondentes.

Quadro 1: Os interesses do lazer de servidores terceirizados do IFCE – Campus Juazeiro do Norte.

Interesses	Prática realizada	Respostas	Sujeitos que realizam
Sociais	Sair com amigos, estar com a família, visitar conhecidos, ir à igreja ⁵ , frequentar restaurantes, bares e churrascarias, conversar;	19	T ₀₁ , T ₀₃ , T ₀₅ , T ₀₆ , T ₀₇ , T ₀₉ , T ₁₀ , T ₁₁ , T ₁₂ , T ₁₃ , T ₁₆
Físicos	Futebol, futsal, jogar bola, caminhadas, pedal, esportes radicais, corridas, musculação;	17	T ₀₂ , T ₀₃ , T ₀₄ , T ₀₅ , T ₀₇ , T ₀₈ , T ₁₃ , T ₁₆
Artísticos	Assistir televisão, filmes, ouvir música, tocar teclado, ir ao cinema;	07	T ₀₃ , T ₀₄ , T ₁₀ , T ₁₂ , T ₁₃ , T ₁₄ , T ₁₅
Turísticos (Camargo, 2006)	Ir a clubes e balneários, viajar, ir para um sítio;	07	T ₀₁ , T ₀₅ , T ₀₆ , T ₁₁ , T ₁₂ , T ₁₄ , T ₁₅
Manuais	Jardinagem;	01	T ₀₂
Intelectuais	Leitura.	01	T ₀₄
Virtuais (Schwartz, 2003)	Internet	01	T ₁₀

FONTE: Dados coletados durante a pesquisa.

A grande frequência dos lazeres físicos e sociais acompanhada dos lazeres artísticos e turísticos contrasta com a baixa presença dos lazeres manuais, intelectuais e virtuais nas respostas dos entrevistados, fato que chama a atenção.

No que diz respeito à larga diferença entre os interesses físicos e sociais para os demais, Dumazedier (1979) já afirmava, no período em que realizou seu estudo (sociedade pós-industrial), que a tendência à preferência por esses interesses

⁵ Neste caso, a ida à igreja envolve a livre participação em grupos de oração e de louvor, onde o aspecto associativo prevalece, sendo possível classificá-la dentro dos interesses sociais estabelecidos por Dumazedier (1979).

prevaleceria, sem manter fortes vínculos com os valores culturais, passivos a constantes alterações, e sem se relacionarem diretamente com classes socioeconômicas e com o surgimento das novas gerações.

Reafirmando a perspectiva de Dumazedier (1979), Sebenello, Keitel e Kleba (2016) em estudo que analisou as relações entre espaços públicos, juventude, lazer e riscos, encontraram como principais práticas de lazer dos participantes (11 jovens de 14 a 16 anos e 12 parentes) estar com os amigos, atividades de jogar ou brincar (futebol, vôlei, basquete), atividades ao ar livre (caminhar, correr, nadar) e atividades em família ou em casa.

Pode-se observar esse fator na fala de alguns dos terceirizados que afirmam ter como lazer a prática de atividade física e/ou a socialização entre amigos e familiares:

Gosto de sair, assim, em um sábado a noite mais algumas colegas, esse tipo de lazer. No domingo ir pra algum balneário, no sábado assim, um barzinho assim, pra algum restaurante, pronto! (T₀₁)

Além da minha caminhada, eu gosto muito de pedalar. Eu pratico bike. A gente, de vez em quando sai, a gente tira ai no meio do mundo só pedalando. Num vou dizer jogar bola não, que ultimamente eu só tô jogando bola de carne. (T₀₂).

Caminhar, gosto muito de caminhar. Andar de bicicleta, só (T₀₈).

Eu gosto de sair com colegas, churrascaria, escutar uma boa música, e se desse, mais coisas, mas é tudo no limite, na medida do possível (T₁₂).

A objetividade na escolha pelas práticas de natureza física é algo que chama a atenção. Para Marcellino (2012), o ideal seria que os indivíduos realizassem atividades que englobassem uma variedade de interesses, buscando um desenvolvimento integral. Entretanto, a falta de contato com outras práticas torna bastante limitada e objetiva a escolha para estes indivíduos. Isto evidencia a necessidade de uma educação para e pelo lazer com a possibilidade de ampliar os gostos e as escolhas ou proporcionar uma experiência diferente das já vivenciadas (MARCELLINO, 2007).

Práticas de lazer como jogar futebol, andar de bicicleta, realizar atividades em família, frequentar bares, assistir televisão e acessar a internet também foram encontradas no estudo de Silvestre e Amaral (2014) sobre tempo livre, trabalho e os impactos na fruição do lazer de trabalhadores da vigilância (terceirizados e servidores públicos) da Unicamp.

No que diz respeito ao hábito de assistir televisão, Marcellino (2012) levanta a questão da alienação promovida pela disseminação de padrões de comportamento e consumo homogeneizantes, cujos efeitos no desenvolvimento das pessoas reverberam de forma negativa. Todavia, o autor não desclassifica a televisão como um veículo de lazer, mas enfatiza a pouca qualidade no conteúdo transmitido.

Quanto à programação, Coelho (1980, p.14) “prende-se à questão do conteúdo divulgado pelo veículo. Sob este ponto de vista, os produtos da indústria cultural serão

bons ou maus, alienantes ou reveladores, conforme a mensagem eventualmente por eles veiculada”. Assim, mesmo compreendendo a televisão como um veículo de lazer que, na maioria das vezes, apresenta seu conteúdo instrumentalizado pela indústria cultural, não se pode descartá-la, entendendo-a como uma das formas de reprodução dos interesses artísticos.

Dito isto, ver filmes, assim como ouvir músicas, ir ao cinema e tocar teclado, se encaixam no campo dos interesses artísticos, que Marcellino (2012, p. 19) define como “a busca da beleza e do encantamento”, delimitando o imaginário como seu campo de domínio, abrangendo aspectos como as imagens, as emoções e os sentimentos. Talvez por isso, os filmes e as músicas tenham ocupado lugar de destaque entre as falas citadas abaixo, já que o primeiro conta com o conjunto de sons, imagens, enredo e personagens para capturar a atenção dos espectadores e, o segundo, pela tamanha empatia das letras com o cotidiano dos ouvintes, ou mesmo pela combinação de ritmos.

Bom eu gosto muito de sair. E na semana, gosto de escutar música, internet né?!
Que hoje em dia é lazer de todo mundo. E música, muita música, amo música (T₁₀).

[...] tem também o teclado que eu toco em casa, deixo no canto (T₁₃).

Ficar em casa mesmo, assistir um filme, alguma coisa (T₁₄).

A casa como um ambiente de lazer também surge na fala dos entrevistados. Marcellino (2012) a classifica como um equipamento não específico de lazer, ou seja, um espaço que, dentre outras funções, pode possibilitar ao indivíduo a própria vivência do lazer.

Já Camargo (2002), ao analisar o lazer doméstico, ressalta que “ficar em casa” passa a ser o destino da maior parte do tempo das pessoas. Destaca que nesta relação existem vantagens e desvantagens para os que realizam. Para o autor, o aspecto negativo está relacionado ao fato de se expor menos a contatos enriquecedores, submetendo-se à cultura do grupo familiar, sendo mais propícios a viver momentos de solidão e sentimentos depressivos. No entanto, a casa, o lar é um dos principais alicerces da identidade, é onde o eu se constitui, é um pequeno centro cultural em que se pode realizar atividades de lazer.

Por fim, a categoria dos interesses artísticos, mesmo com parte de seus lazeres banalizados pela indústria cultural, possibilita, ainda que em produções individuais pouco disseminadas na grande massa, a ideia inicial proposta por Marcellino, da busca pela beleza e pelo encantamento, fazendo com que eles ainda sejam lembrados, mesmo que por uma minoria ou uma faixa central da população, como acontece aqui nesta pesquisa.

Já os interesses turísticos, os quais Camargo (2006) considera a mudança de paisagem, ritmo e estilo de vida como principais fatores a se destacar, caracterizam, também, a busca por uma quebra da rotina temporal e espacial (MARCELLINO, 2012). Dentre as respostas, podem-se destacar as seguintes falas:

É... ir “prum” banho, né?! Já falei (T₀₁).

Ir para clubes com minha família (T₁₁).

Gosto muito de viajar, é bom (T₁₂).

Assistir filmes, passar um tempo em um sítio, frio e sombra (T₁₅).

Nos diálogos no decorrer das entrevistas foi possível perceber que a principal aspiração dos sujeitos ao procurarem balneários, clubes, até mesmo viagens, é a tentativa de quebrar a rotina cotidiana. A procura por um ambiente calmo, tranquilo, envolto de sombra e clima agradável possibilita um desafogo necessário para retornar às atividades da vida diária.

Elias e Dunning (1992) referem-se às práticas com essas características como um conjunto de atividades de lazer menos especializadas, que possuem o caráter marcado por uma agradável e relaxante destruição da rotina, além de serem realizadas em momentos oportunos, como feriados, folgas, finais de semana e etc. É importante ressaltar que a preferência por tais atividades dá-se, principalmente, pelo fato da região ser rica em ambientes dessa natureza, havendo uma grande quantidade de nascentes e clubes balneários.

Aqui prevalece, de uma maneira geral, a necessidade de mudança. Seja pela rotina exaustiva ou pelo simples desejo de transição de ambiente. Nesta categoria, mais que nas outras, evidencia-se a vertente do lazer enquanto uma necessidade humana e reflexo de um contexto cultural devido às práticas estarem relacionadas às características locais e a seu povo (GOMES, 2014).

Nos interesses manuais, intelectuais e virtuais nota-se uma frequência baixíssima. Todos eles foram expressos na forma de atividades que não necessariamente precisam de um contato social para se concretizar, como é o caso da jardinagem, da leitura e do acesso à internet. Esta característica pode pressupor que os entrevistados sintam-se bem não somente na presença de companhias agradáveis, mas também na sua própria companhia, ou mesmo a necessidade de se ocupar livremente em momentos de solidão.

No que se refere aos interesses manuais, a sua presença no lazer das pessoas vem sendo preterida em relação aos interesses físicos e sociais ou comumente associada a públicos específicos como idosos (MOURA; SOUZA, 2014; RODRIGUES, 2015) e mulheres (ANDRADE; SCHWARTZ; FELDEN, 2018).

Os interesses intelectuais e virtuais são os menos praticados pelos entrevistados. Esse dado contrasta, por exemplo, os resultados encontrados na pesquisa de Andrade, Schwartz e Felden (2018), na qual os interesses intelectuais e virtuais ao lado dos sociais foram os mais mencionados pelos seus 885 participantes.

Aqui, a realidade do grupo analisado pode ser um fator que justifique tal resultado. Adultos, alguns na meia idade, que trabalham, em média, 40h semanais,

geralmente destinam seu tempo disponível a atividades em família, entre amigos ou de repouso, como a própria pesquisa vem demonstrando. No contexto geral, as práticas de lazer fruídas pelos servidores terceirizados do IFCE *Campus Juazeiro do Norte* sofrem influência de fatores sociais, culturais, ambientais, políticos e econômicos. Os entrevistados buscam lazer para propiciar-lhes descanso, relaxamento e fuga da rotina.

Considerações finais

A realização desta pesquisa permitiu a análise das práticas de lazer dos servidores terceirizados do IFCE – *Campus Juazeiro do Norte* e a sua classificação conforme a distribuição dos interesses do lazer propostos por Dumazedier (1979).

A preferência da população pela prática de exercícios físicos e a necessidade de socialização do indivíduo refletem bastante nas suas manifestações de lazer. A baixa frequência dos interesses intelectuais e o interesse dos sujeitos em participar de movimentos sociais em prol de seus direitos tem sido um dado preocupante, pois evidencia como o trabalho e as demais obrigações mantêm os indivíduos ocupados a ponto de não se estimularem a buscar conhecimentos sobre a situação política, social e econômica a qual se encontra o país, por exemplo.

Desta maneira, o sistema produtivo mascara as possibilidades de desenvolvimento do homem por meio de outras ações que não seja o trabalho, tido como uma atividade capaz de promover a realização e a dignificação do homem. Assim, qualquer outra atividade que estimule o desenvolvimento autônomo da sociedade e busque quebrar os padrões pré-determinados pelo sistema capitalista, passa a ser banalizada, impedindo o homem de se sentir realizado por meio dela.

As reflexões sobre a relação lazer e trabalho não devem ser encerradas na organização dos dados deste estudo. Em virtude disso, faz-se necessário a realização de novas pesquisas na ótica do trabalhador, destacando aspectos como as diferenças no uso do tempo e na fruição de lazer entre gêneros, por exemplo. Pesquisas centradas nesta temática de investigação necessitam se ampliar no âmbito científico, dada sua relevância social. Especialmente, esta pesquisa deteve-se na compreensão de que a chave para quebrar paradigmas sobre a fruição do lazer está na constante transformação dos conhecimentos já existentes.

REFERÊNCIAS

ALVES, G. Terceirização e acumulação flexível do capital: notas teórico-críticas sobre as mutações orgânicas da produção capitalista. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 16, n. 31, p. 409-420, 2011.

ANDRADE, R. D.; SCHWARTZ, G. M.; FELDEN, E. P. G. Variáveis socioeconômicas e o envolvimento no lazer. **Licere**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 292-312, Mar. 2018.

ANTUNES, R. Trabalho e precarização numa ordem neoliberal. In: **A cidadania negada: políticas de exclusão na educação em o trabalho**. 1. ed. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

ANTUNES, R.; ALVES, G. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. **Educação e sociedade**, Campinas, v. 25, n. 87, p. 335-351, 2004.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.

BRASIL, Conselho Nacional de Saúde. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. **Resolução nº 510/2016**, (24, maio 2016). Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 04 de Fev. 2018.

CAMARGO, L. O. L. **Educação para o lazer**. 6. ed. São Paulo: Editora Moderna, 2002. (coleção polêmica).

CAMARGO, L. O. L. **O que é lazer**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CHAVES, J. C. **A liberdade e a felicidade do indivíduo na racionalidade do trabalho no capitalismo tardio: a (im) possibilidade administrada**. 2007. 181 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Curso de Doutorado em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

COELHO, T. **O que é indústria cultural**. 35. ed. São Paulo: Brasiliense, 1980.

DELUIZ, N. Pedagogia do trabalho na acumulação flexível: os processos de “exclusão incluyente” e “inclusão excludente” como uma nova forma de dualidade estrutural. **Boletim Técnico do Senac**, v. 31, n. 1, p. 25-29, 2016. Disponível em: <http://www.bts.senac.br/index.php/bts/article/viewFile/345/329>. Acesso em: 04 de Fev. de 2018.

DUMAZEDIER, J. **Sociologia empírica do lazer**. 1. ed. São Paulo:

Perspectiva, 1979. DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. 3. ed.

São Paulo: Perspectiva, 2004.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. 1. ed. Lisboa: Difel, 1992.

FILGUEIRAS, V. A.; CAVALCANTE, S. M. Terceirização: debate conceitual e conjuntura política. **Revista da ABET**, João Pessoa, v. 14, n. 1, p. 15-36. 2015.

GOMES, C. L. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 3-20, jan./abr. 2014.

LIMA, J. C. A terceirização e os trabalhadores: revisitando algumas questões. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 17-26, 2010.

LOURENÇO FILHO, R.; PAIXÃO, C. Impactos da terceirização no mundo do trabalho: tempo, espaço e subjetividade. **Revista TST**, Brasília, v. 80, n. 3, p. 58-74, 2014.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e Educação**. 12. ed. Campinas: Papyrus, 2007.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer: uma introdução**. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

MOURA, G. A.; SOUZA, L. K. Práticas de lazer na ILPI: a visão dos coordenadores. **Licere**, Belo Horizonte, v. 17, n. 3, p. 24-43, 2014.

NAVARRO, V. L.; PADILHA, V. Dilemas do trabalho no capitalismo contemporâneo. **Revista Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 14-20, 2007.

OLIVEIRA, R. G. Intensificação do trabalho no sistema bancário brasileiro: da terceirização à “desterceirização”. **Revista Acesso Livre**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, p. 74-92, 2015.

PADILHA, V. (Org.). **Dialética do Lazer**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

PAULO NETTO, J. **Introdução ao estudo do método de Marx**. 1. ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2011.

RODRIGUES, M. C. A configuração do lazer no espaço das universidades da terceira idade. **Revista do Núcleo de Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 771-787, 2015.

SCHWARTZ, G. M. O conteúdo virtual do lazer: contemporizando Dumazedier. **Licere**, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 23-31, 2003.

SEBENELLO, D. C.; KEITEL, L.; KLEBA, M. E. Práticas de lazer e espaços públicos de convivência como potência protetiva na relação entre juventude e risco **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 53-63, 2016.

SILVESTRE, B. M.; AMARAL, S. C. F. Tempo livre e trabalho: o caso dos vigilantes da Unicamp. **Licere**, Belo Horizonte, v. 17, n.4, 2014.

SILVESTRE, B. M.; FERREIRA, O. C.; AMARAL, S. C. F. O tempo de não trabalho e o lazer dos trabalhadores terceirizados da vigilância da Unicamp: uma análise comparativa entre os gêneros. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Distrito Federal, v. 24, n. 4, p. 110-120, 2016.

WERNECK, C. L. G. Lazer é questão de prioridade e cidadania. **Parceria**, Belo Horizonte, v. 6, n. 80, p. 11, 2000.

Endereço para correspondência

E-mail: caiotarraes@gmail.com



Recebido em:

08/05/2018

Aprovado em:

19/08/2018